

Para não deixar esquecer: os monumentos para Sacco e Vanzetti**Juliana Maria MANFIO*****Eduardo da Silva SOARES****

Resumo: O artigo debate as intenções e as motivações para a construção de monumentos dedicados aos italianos e anarquistas Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Eles foram condenados, em 1920, a pena de morte nos Estados Unidos da América. Foram acusados de assalto e assassinato, sendo executados em 1927. Em páginas dos jornais tiveram inúmeras impressões a respeito do processo, de suas vidas e reflexões. Entre a defesa e a acusação, havia a xenofobia, o preconceito de classe e a perseguição ideológica. Deste modo, neste contexto, questionou-se sobre o motivador para a construção de monumentos à memória destes italianos anarquistas? Para responder a esta questão foram estudadas duas edificações: a da Biblioteca Pública de Boston e a do cemitério de Torremaggiore. Justifica-se esta investigação pela necessidade da ampliação dos estudos em relação ao caso Sacco e Vanzetti, e a importância da discussão referente aos monumentos construídos para grupos “marginais” da sociedade.

Palavras-chave: Monumentos. Caso Sacco e Vanzetti. Memória. E/Imigrantes.

To not let to forget: the monuments for Sacco and Vanzetti

Abstract: The article discusses the intentions and motivations for the construction of monuments dedicated to the Italian and anarchists Nicola Sacco and Bartolomeo Vanzetti. They were convicted in 1920 to death penalty in the United States. They were charged with robbery and murder and were executed in 1927. In the newspapers, there were numerous impressions of the process, their lives and thoughts. Between defense and prosecution, there were xenophobia, class prejudice and ideological persecution. Thus, in this context, it is questioned the motivator for the construction of the monuments to the memory of these Italian anarchists. To answer this question, we studied two edifications: in the Public Library

* Mestre em História – Doutorando(a) – Programa de Pós-graduação em História – Escola de Humanidades – Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Campus São Leopoldo – Av. Unisinos, 950, CEP: 93022-750, São Leopoldo, Rio Grande do Sul – Brasil. Bolsista CAPES/PROSUC. E-mail: jumanfio@hotmail.com

** Mestre em História – Doutorando – Programa de Pós-graduação em História – Centro de Ciências Sociais e Humanas – UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, Campus Santa Maria – Av. Roraima (Rua Q), nº 1000, CEP: 97105-900, Santa Maria, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: eduardosoares@rocketmail.com

of Boston; and in the cemetery of Torremaggiore. This research is justified through the need to expand the studies on the Sacco and Vanzetti case and the importance of the discussion regarding monuments built for “marginal” groups of the society.

Keywords: Monuments. Sacco and Vanzetti Case. Memory. Anarchist Emigrants/Immigrants.

Introdução

A memória, que parece ser um fenômeno individual, também pode ser entendida como um fenômeno “[...] construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes [...]” (POLLAK, 1992, p.202). É nesse sentido que, relembrar, para não deixar esquecer, funciona como um alerta às futuras gerações, como uma das possibilidades de discussões acerca de uma memória que é construída. Além disso, a rememoração é cristalizada em monumentos construídos para dois italianos, anarquistas e trabalhadores emigrados nos Estados Unidos da América. Esses fatores oferecem várias hipóteses por serem debatidas, como por exemplo, as motivações da edificação, o conteúdo e forma, os seus promotores e os locais onde se encontram os monumentos.

Inicialmente, ressalta-se que “[...] o sentido original do termo é do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa [...]” (CHOAY, 2001, p. 17-8). Lembrar-se do que, em um episódio trágico? Qual a função pedagógica presente na condenação, ou, na forma como se sucedeu? Seria um monumento para “advertir” os contemporâneos? Seria um marco para “limpar” a reputação dos familiares descendentes, ou, da etnia?

Acredita-se que a motivação para a construção dos monumentos envolve todos os elementos supracitados, mas, a primeira hipótese a ser levantada é de que eles serviam para alertar os contemporâneos sobre a injustiça ocorrida num passado não “tão” distante. Alertar que um país que dizia defender a “liberdade” executou dois inocentes. Aqui, frisa-se ao leitor, opta-se por considerá-los inocentes, pois, é este o teor dos conteúdos produzidos sobre o caso Sacco e Vanzetti utilizados neste artigo.

Mas, se for verdade que os monumentos foram erguidos para alertar a existência da injustiça, o que, ou melhor, como eles deveriam ser e o que necessitavam ter na sua composição? Então, além da intencionalidade, o conteúdo e a forma foram problematizados nesta produção.

Percebendo a ousadia desta proposta, pensou-se na articulação dos conteúdos das fontes com as intencionalidades dos promotores dos monumentos. Portanto, a sistematização da reflexão deste artigo seguiu as colocações de Llorenç Prats (2004, p. 32):

Las activaciones o representaciones patrimoniales son: 1) sistemas de símbolos; 2) que actúan para suscitar entre los miembros de una comunidad (local, regional, nacional...) motivaciones y disposiciones poderosas, profundas y perdurables; 3) formulando concepciones de orden general sobre la identidad de esa comunidad; 4) y dando a estas concepciones una apariencia de realidad tal; 5) que sus motivaciones y disposiciones parezcan emanar de la más estricta realidad¹.

Por intermédio do monumento, uma memória sobre as figuras de Nicola Sacco e Vanzetti quer ser recordada, por meio de um interesse por parte dos seus promotores. É de dessa forma que Pollak (1992, p.202) chama atenção, atribuindo a memória como um fenômeno individual, mas que também pode ser entendido como um fenômeno “[...] construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes [...]”.

Pontualmente, o primeiro capítulo investiga os sistemas de símbolos que (re)valorizam aqueles imigrantes, trabalhadores e anarquistas, tanto na comunidade local quanto na libertária internacionalista. As motivações e as disposições que legitimam e justificam a construção dos monumentos identificam a comunidade que recebe o patrimônio por meio de quais variáveis? Étnica? De e/imigrantes? De trabalhadores? De anarquistas?

Deste modo, as aparências da realidade enfrentada por Sacco e Vanzetti também são abordadas, mas, em um segundo momento. Os episódios da prisão, condenação e execução não são narrados nos monumentos, mas é, no mínimo, plausível que sejam levantados alguns fatos que marcaram o discurso dos advogados de defesa e que, no momento da inauguração dos monumentos, permaneceram marcados nas falas que justificam tal empreendimento.

De toda forma, não é imprescindível destacar que “[...] a natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar pela emoção, uma memória viva [...]” (CHOAY, 2001, p. 18). Destarte, procura-se verificar a valoração orientada pelos construtores dos monumentos às personagens e aos marcos que identificam as suas vidas como merecedoras de uma “memória materializada”.

Breves comentários sobre as trajetórias de Sacco e Vanzetti

Bartolomeo Vanzetti nasceu no dia 11 de junho de 1888, em Villafalletto, província de Cuneo, Piemonte, Itália. A população de Villafalletto era tipicamente camponesa. Foi, ainda

neste local, que Vanzetti passou a sua infância e estudou até os 13 anos. Em seus relatos, foi descrita a presença da dúvida de seu pai, o qual “não sabia” se permitia que o filho seguisse os estudos ou se o ensinava algum ofício. O seu destino, traçado pelo pai, foi ser comerciante na cidade de Cuneo, em 1901.

Após, teve uma ida frustrada para Turim, fato que o forçou a retornar à cidade natal. Neste local, Vanzetti adoeceu e recebeu notícias de casa, nas quais constava a preocupação com a sua mãe. Nesta etapa, acompanhou a mãe enferma até a morte. Em 1908, deixou os seus familiares, e todos ficaram transtornados com dois fatos: a perda da matriarca e a emigração de Vanzetti. Escreveria: “Assim deixei a terra que me viu nascer; um vagabundo sem pátria.” (VANZETTI, 2011, p. 30).

Com tristeza e amargura, Vanzetti viajaria em um trem durante dois dias e, mais sete, em um vapor pelo mar à “terra prometida”² (VANZETTI, 2011, p. 30). Ao chegar em Nova York, percebeu que ela “[...] e destacava no horizonte com todos os seus esplendores e esperanças [...]” (VANZETTI, 2011, p. 30). Porém, desde a sua primeira experiência ocorreram as adversidades que minariam a sua existência nos Estados Unidos da América:

Na estação de imigração tive minha primeira grande surpresa. Vi os passageiros de proa serem manuseados pelos oficiais da mesma forma que um montão de animais. Nenhuma palavra de benevolência ou de estímulo que aliviaría a aflição que agoniava pesadamente aos recém-chegados as praias da América. As esperanças que levavam a estes imigrantes até a nova terra se marchetavam assim ao contato de torpes oficiais. (VANZETTI, 2011, p. 30).

Eles procuravam por empregos e melhores qualidades de vida. Na oportunidade de “fazer a América” foi que Sacco e Vanzetti se apoiaram. Pois bem, no caso de Vanzetti, por 12 anos ele trabalhou e viveu livremente naquele país, até que, em 1920, seria preso por mais 7 anos.

Durante os anos de liberdade, Vanzetti foi um militante ativo. Mais tarde, em seus escritos, ele declararia o seu posicionamento político e as participações que manteve nas greves e nas agitações operárias. O seu sonho era o de mudar a sociedade, o que significa afirmar que ele desejava a anarquia como sistema. Foi este fator que acarretou na sua prisão³. Na verdade, segundo ele próprio, além de anarquista, pesava sobre ele o fato de ser italiano e pobre.

O processo de Plymouth foi que condenou a dupla italiana à cadeira elétrica. O Estado o condenou, segundo as palavras de Vanzetti (2011, p. 67), “[...] por roubo e assassinato [...]”. Nos seus escritos foi possível encontrar argumentos que referenciavam o Estado como o responsável pela sua suspeita. O crime de assalto e assassinato, que

ocorreu no estado de Massachusetts, em Bridgewater, no dia 24 de dezembro de 1919, chocou a população local. Este fator colaborou para a execução final, porém, até este momento, a defesa de Sacco e Vanzetti utilizou inúmeros argumentos, e a primeira consideração foi: “[...] no dia 24 de dezembro de 1919, enquanto eu vendia enguias em Plymouth [...]” (VANZETTI, 2011, p. 30). Nesse sentido, não poderia, de fato, estar presente na cena do crime, já que os seus álibis defendiam um grande distanciamento do local em que ele se encontrava em relação à fábrica assaltada.

Vanzetti esclareceu que comer peixes e enguias fazia parte de “uma antiga tradição” italiana. Esta “tradição” justificaria a sua saída vendendo estes produtos. Então, segundo Vanzetti, foram feitos muitos pedidos para ele, e, para que satisfizesse a demanda, ele teve “[...] que trabalhar durante todo o dia de 24 de dezembro e efetuar este trabalho em Plymouth [...]” (VANZETTI, 2011, p. 68). Vanzetti passou o dia trabalhando, exercendo a sua profissão e contribuindo para uma “antiga tradição” de seus conterrâneos. A materialização de sua defesa foi somada com a afirmação de que ele estava “a 30 milhas da cena do crime”. No mais, “quando a colônia italiana se inteirou de que eu (Vanzetti) havia sido processado pelo crime de Bridgewater, proclamou minha inocência e ofereceu o seu testemunho”⁴.

Resultado, inicialmente, 30 “[...] italianos se apresentaram ante o tribunal para provar meu álibi.” Além disso, “[...] poderiam haver sido mais, porém sua presença ali só seria cumulativa [...]”. Logo, uma sequência de nomes e profissões foi listada. Estas pessoas afirmavam a inocência de Vanzetti. Porém, a italianidade e as ideias que Vanzetti mantinha foram ferramentas de acusação do Estado. Então, o interrogador, ao “saber” que se tratava da investigação de um anarquista, “[...] se serviu de tais informações para convencer o jurado de que meus álibis eram falsos, que meus amigos realizavam um esforço heroico para salvar-me.” (VANZETTI, 2011, p. 69).

Quanto a Nicola Sacco, ele nasceu em Torre Maggiore, na província de Foggia, em 1891. Viveu com os pais e trabalhou com os irmãos até os 17 anos, na propriedade da família. Porém, a situação financeira mudou com o tempo. A crise não perdoaria aquele grupo familiar. Então, dos dias tranquilos aos dias da emigração, Sacco (2011, p. 42), escreveu:

[...] a precariedade na qual se bate a existência de todo pequeno proprietário da Itália, a curiosidade natural de todo adolescente, o desejo de afrontar o desconhecido, de experimentar sensações novas, de criar para si, por sua atividade, por sua clarividência, um mundo no qual cada um possa reivindicar seu direito natural a existência, me impulsionaram a emigrar.

A pobreza e o medo da miséria fizeram muitos italianos deixarem a sua terra. Milhares deles foram para a América, seja para os Estados Unidos da América, seja para a Argentina, seja para o Brasil. O sonho de obter sucesso na “Terra Prometida” motivou muitos grupos destinados para outros países. Segundo Tudini (2013, p. 1), a imigração italiana nos Estados Unidos da América, entre o final do século XIX e início do XX, mobilizou “cerca de 26 milhões” de pessoas, que, em sua maioria, não conheciam “[...] a língua, eram católicos, pouco instruídos e ocupavam os níveis mais baixos do mercado de trabalho [...]”. Com exceção da religiosidade, Sacco e Vanzetti pareciam se enquadrar nas demais características dos imigrantes.

Dando sequência ao relato, ao chegar nos Estados Unidos da América ele era “[...] quase ignorante das questões políticas e das múltiplas e multicores tendências [...]” (SACCO, 2011, p. 42). Após a sua chegada, ocorrida em 1908, se passa um “[...] ano terrível de desocupação, de miséria, de fome [...]”, desta maneira, “[...] experimentei já minhas primeiras desilusões.” Após este momento, Sacco inicia a sua militância de forma ativa. Um exemplo foi a resistência contra a Primeira Guerra Mundial organizada no país.

Neste período, pertenceu à Federação Socialista Italiana (SACCO, 2011). Casou-se com “Rosina” e teve o primeiro filho: Dante Sacco. Nicola Sacco organizava conferências, reuniões e lutava pela unidade dos trabalhadores. E, no dia em que organizava um *meeting* contra a prisão de Roberto Elia e Andrés Salsedo⁵, ele e Vanzetti (outro organizador do protesto) foram presos. Então, questiona: “[...] de que era culpado? De um infame, de um atroz crime que meu cérebro não podia conceber.” Destarte, sentenciou:

Meu crime, o único crime, de que estou orgulhoso, é o de haver sonhado uma vida melhor, feita de fraternidade, de ajuda mútua; de ser, em uma palavra, anarquista, e por este crime tenho o orgulho de terminar entre as mãos de verdugo. Porém que tenham logo a coragem de dizê-lo, de gritar ao mundo – aos governantes e aos assalariados dos Estados Unidos – que havendo adquirido sua independência em nome da liberdade, eles pisoteiam essa liberdade em todos os atos de sua existência. (SACCO, 2011, p. 43).

Uma questão pontual merece ressalva, mesmo que não conseguissem escapar da execução, desejavam que as suas ideias de emancipação social prosseguissem com outros agentes. O fim de Sacco e Vanzetti era frisado como “[...] a batalha entre o rico e o pobre, a batalha pela salvação e pela liberdade que tu continuarás um dia.”⁶ (SACCO, 2011, p. 134). “Tu continuarás” a luta pela liberdade dos povos, declarou um condenado por ser anarquista e italiano. Este desejo traduziu a posição ideológica seguida pelo autor. Este é o maior exemplo encontrado para frisar os seus posicionamentos e desejos de um porvir diferente.

Como mártires morreram, em 23 de agosto de 1927, mas, no último dia 4, Sacco escreveu: “[...] agora, ignorando a consciência e negando todas as provas de nossa inocência, nos insulta e nos assassina. Somos inocentes!” (SACCO, 2011, p. 131). Sacco mostrava que estava inconformado com a situação e condena: “[...] esta é a maneira de operar da plutocracia contra a liberdade, contra o povo. Nós morremos por ser anarquistas. Viva a anarquia!”. A execução simbolizava a luta da burguesia contra o povo, contra aqueles que procuravam a emancipação social. E, mais, a cadeira elétrica matava dois anarquistas, sendo este o principal motivo daquela condenação. E, não conseguiam, de forma plena, matar este ideal. A anarquia continuaria viva entre os trabalhadores. Este foi o recado pronunciado por Sacco antes de morrer.

Sacco falou que a sua execução era esperada, já que “[...] a classe capitalista é implacável e dura, e não tem clemência com os bons soldados da revolução.” (SACCO, 2011, p. 131). A sua condenação tinha um significado implícito, os capitalistas, hegemônicos no Estado, controlavam e aniquilavam aqueles que contestavam tal domínio. Se necessário fosse, matariam os “bons soldados” contrários às suas políticas. A burguesia possuía os mecanismos e os utilizava sem receios. Quanto a Sacco e Vanzetti, “[...] estamos orgulhosos de morrer e cair como todos os anarquistas têm caído e caem,” agora, a missão de derrubar o sistema e implantar a anarquia ficava a cargo de “vós, irmãos, camaradas.” (SACCO, 2011, p. 131).

Um caso a ser monumentalizado

A trajetória militante e estrangeira foi determinante para o derradeiro fim. Mas, o monumento, formando um espaço de memória que materializa o significado da vida destes italianos, deveria conter quais elementos? Falando especificamente dos conteúdos, quais as frases, reflexões e indicações foram selecionadas e talhadas nestes documentos públicos?

Respeitando as valorizações peculiares de cada espaço, procurou-se diferenciar o teor da existência de dois monumentos a Sacco e Vanzetti. Um nos EUA e outro na Itália, Boston e Torremaggiore, respectivamente. Refletir sobre a importância destas figuras já é um grande desafio. Escrever sobre esta forma de rememorar o símbolo mártir é, honestamente, um caminho para a produção de novos conhecimentos. A definição para monumento utilizada neste artigo seguiu as orientações de Choay (2001, p. 18), que considerou:

[...] chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade

do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória.

O modo de atuação sobre a memória é o que difere os monumentos aqui estudados. Neste caso, não existe algo positivo a ser lembrado, mas, sim, um acontecimento que marcou o “mundo” negativamente. A execução de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foi percebida como uma grande e grave injustiça protagonizada pela Justiça dos Estados Unidos da América. Sobre imigração e história do fracasso, Witt e Elmir (2014, p. 12) afirmam que “[...] as narrativas de triunfos ou de realizações épicas talvez flertem com o mito tanto quanto as narrativas de derrotas [...]”. Dessa forma, o fracasso também se apresenta como um elemento que enfatiza a heroicidade desses dois imigrantes anarquistas assassinados nos EUA.

A trajetória destes dois imigrantes pode possuir os motivadores similares dos milhares de outros que atravessaram o Oceano Atlântico. A diferença surgiu quando eles reivindicaram o anarquismo como ideologia e prática política fora da “terra natal”, em um ambiente marcado pela perseguição contra os “vermelhos”. Cabe lembrar que a prisão se dá em 1920, poucos anos após a Revolução Russa (1917). Este fato modifica as relações políticas entre os grupos divergentes.

Entretanto, no presente artigo, focou-se na questão do espaço em que os monumentos foram construídos, da temporalidade entre o caso e as suas edificações, dos temas que foram ressaltados. Nesse sentido, compreende-se o monumento como um local de memória, pois, segundo Pierre Nora (1992, p.7):

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória.

Foi nesse sentido de reavivar a memória sobre o caso Sacco e Vanzetti, atribuindo uma lembrança de injustiça aos dois italianos anarquistas, que promoveu-se a construção de monumentos, como um espaço de memória construído de acordo com a intencionalidade de seus promotores. Então, passa-se, agora, para o monumento edificado nos EUA, representado na Figura 1.



Figura 1: August 22, 1928. Associated Press Photo.

Fonte: <http://www.inquiriesjournal.com/articles/117/memorializing-sacco-and-vanzetti-in-boston>, 2010.

A lápide inspira a construção de um monumento que fica no interior da *Boston Public Library*. Durante a construção, os protestos de políticos conservadores mantiveram o intuito de “deixar esquecer” aquele passado. Segundo Richard Kreitner (2014), correspondente do *Boston Globe*:

The sculpture is still on public display now, though barely. As intriguing as it is obscure, it has a complicated pedigree: created by the same man who designed Mount Rushmore, it was repeatedly offered to the city for public installation – and just as often rejected by politicians scared of engaging the raw politics of the Sacco-Vanzetti story⁷.

O medo das autoridades estava relacionado ao reconhecimento do erro do passado, fazendo perder, em partes, a credibilidade de legislar a coisa pública. Homenagear anarquistas não era tarefa fácil, já que ao realizar tal ato, haveria, necessariamente neste caso, de reconhecer a inocência deles. Mas, já que o monumento foi construído e estava pronto para ser edificado, quais elementos ele poderia possuir? Então, para responder a esta questão, passou-se direto para a obra, que diz: “What I wish more than all in this last

hour of agony is that our case and our fate may be understood in their real being and serve as a tremendous lesson to the forces of freedom so that our suffering and death will not have been in vain⁸” (NAYLOR, 2010, p. 1).

As forças da liberdade tão citadas nas cartas escritas por esses italianos, não possuíam as mesmas intenções destas que foram citadas no monumento. A luta pela democratização extrema dos meios de produção e da liberdade individual e coletiva era anarquista e, para o caso do monumento, não. A liberdade expressada por Vanzetti questionava até a imprensa, o meio de comunicação que teria limites de interesses no capitalismo. O ideal anarquista acabou sendo omitido nos monumentos⁹. Recordar Sacco e Vanzetti significaria lembrar que eles morreram por serem libertários? Quais eram as forças da liberdade que estavam sendo citadas naquele monumento?

De qualquer forma, o monumento deveria servir para recordar e alertar as gerações futuras a respeito do terror de um sistema injusto, caracterizando-se pelo “[...] poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.” (LE GOFF, 1990, p. 537). Sobre o monumento, Naylor (2008, p. 5) citou:

Then, on the 50th anniversary in 1977, Governor Dukakis issued a proclamation that the two had not received a fair trial and that ‘any stigma and disgrace should be forever removed from their names.’ On the 70th anniversary of the execution in 1997, Mayor Menino of Boston and acting Governor Cellucci of Massachusetts met in the Boston Public library and, repeating the assertion that Sacco and Vanzetti had not received a fair trial due to the bias against them, formally ‘accepted’ Borglum’s bas-relief, announcing the intent of the city to cast the artwork in bronze and place it outdoors in a more public place by the year 2000. As of this writing, the bas-relief remains indoors¹⁰.

Neste caso, os órgãos dos EUA não recebiam as críticas, pois os monumentos não possuíam referências a isso. Mas, ao acompanhar a trajetória do caso, foi possível identificar a crítica que os construtores das “forças da liberdade” realizavam contra a justiça estadunidense.

Uma destas “forças” atuais é a *Sacco and Vanzetti Commemoration Society*, a qual indagou a edificação daquela obra dentro de uma biblioteca. A crítica estava relacionada à intenção de se criar um espaço de memória em uma praça, ou seja, em um lugar aberto e público. Então, sem mencionar maiores detalhes a respeito da posição em relação ao conteúdo do monumento, o artigo *The Monument to Sacco and Vanzetti that Never Saw the Streets of Boston* objetivou frisar a postura do *Sacco and Vanzetti Commemoration Society*¹¹ de criar eventos alternativos para lembrar o caso. Para tanto, pontuou-se a missão deste grupo:

The Sacco and Vanzetti Commemoration Society exists to preserve the memory of Sacco and Vanzetti's struggle to radically change society. We want to educate our neighbors about Massachusetts' radical history, and draw connections between the struggles of Sacco and Vanzetti and similar struggles today. We stand against the death penalty and political persecution as well as the persecution and scapegoating of immigrants¹².

Deste modo, o caso Sacco e Vanzetti alertou a todos sobre os perigos que os órgãos que deveriam promover a Justiça poderiam oferecer. Não era possível acreditar no Estado como promotor social, pois as pessoas que o compunham teriam força para prejudicar as minorias políticas, tais como os imigrantes. A mensagem libertária dos anos 1920, dita por estes italianos, ecoaria entre as “forças da liberdade” de hoje¹³.

Em Torremaggiore, os dois anarquistas inspiraram um grupo a criar o *Sacco & Vanzetti - Torremaggiore contro la pena di morte* (Torremaggiore contra a pena de morte), que conciliava a história daqueles “mártires” com a luta contra a pena capital. Existindo até hoje, este “movimento” participou da idealização do projeto de monumento edificado na cidade¹⁴. Esta associação possui intelectuais que discutem e informam sobre a importância da trajetória de Sacco e Vanzetti e, também, a relevância de acabar com a pena de morte. Baseiam-se num discurso que estaria pautado na figura daqueles italianos para frisar os pontos injustos de tal penitência.

Estes dois grupos “vigiam” o que Dukakis (*apud* CARLUCCI, p. 11), ex-governador de Massachusetts, após a injustiça cometida contra Sacco e Vanzetti, falou: “Che tutte le istituzioni umane sono imperfette, che la possibilità di ingiustizia è sempre presente, e che il riconoscere l'errore insieme alla risoluzione di correggerlo¹⁵”. Outra consideração pontual de Dukakis foi:

Che il processo e l'esecuzione di Sacco e Vanzetti dovrebbero far ricordare ai popoli civili del costante bisogno di munirsi contro la nostra suscettibilità al pregiudizio, della nostra intolleranza per idee eterodosse e del nostro insuccesso nel difendere i diritti di persone considerate straniere in mezzo a noi¹⁶. (DUKAKIS, s.d., p. 11).

Levando em conta a afirmação de Le Goff (1990, p. 536), sobre monumento funerário, que é “[...] destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte.” Então, o objetivo do projeto de monumento a Sacco e Vanzetti teria que reparar partes dos erros do passado. A memória familiar, étnica e de classe estava em jogo. Se, por um lado, aquelas associações já citadas foram promotoras da idealização do monumento, reconhecer que houve uma injustiça seria,

para Fernanda Sacco, uma grande vitória pessoal e familiar. Deste modo, quando ocorreu o evento de inauguração daquela obra, Fernanda Sacco ocupou lugar de destaque.

O espaço de memória do monumento cria uma série de significados. A família desejava limpar uma mancha nos nomes Sacco e Vanzetti. A etnia, pois, ao que tudo indica, uma das motivações para aquela condenação foi a de eles serem italianos migrados nos EUA. Enfim, a classe também deveria receber certa atenção, já que eram trabalhadores que possuíam apenas a mão de obra para oferecer à sociedade. Assim, como eles viajaram para aquele país para trabalhar, a ideia de imigrante que procurou melhorar as suas condições de vida em outro país estava atrelada à etnicidade que possuíam.

Estes elementos foram percebidos no monumento italiano. Mas, para iniciar esta discussão, em linhas gerais, o monumento foi construído com a seguinte descrição e com o determinado objetivo:

La costruzione di un monumento funerario per ricordare Ferdinando Sacco, dopo circa settanta anni dalla sua morte, avvenuta per elettroesecuzione nella prigione di Charlestown nello Stato del Massachusetts - USA - il 23 agosto 1927, rappresenta per tutti coloro che hanno vissuto la drammatica storia dei due italiani, Sacco e Vanzetti, e per le giovani generazioni, un monito a difendere i valori della libertà quando essa è in pericolo.¹⁷ (CARLUCCI, p. 4).

Defender “os valores da liberdade quando essa está em perigo”. A mensagem não poderia estar melhor destacada. Mas, para explicar melhor o significado deste monumento, recorreu-se aos documentos que explicam como foi formalizada a ideia e o projeto daquele espaço de memória¹⁸.

Segundo Carlucci (p. 1),

L’iniziativa di edificare a Torremaggiore un Monumento a Ferdinando (Nicolá) Sacco e Bartolomeo Vanzetti **venne intrapresa dal locale Circolo di Rifondazione** ed a tale scopo venne costituito un apposito comitato promotore allargato ai Pubblici Amministratori ed ai rappresentanti di tutti i partiti politici locali¹⁹. (grifos nossos).

Outra questão pertinente a ser frisada foi que “[...] era agli inizi del 1997, 70° anniversario della morte dei due anarchici italiani, e il ‘caso Sacco e Vanzetti venne abbinato a quello di Silvia Baraldini alla quale, qualche giorno dopo, il Comune di Torremaggiore concesse la ‘Cittadinanza onoraria’.”²⁰ (CARLUCCI, s.d., p. 1 - grifos nossos).

O mesmo documento destacou que “[...] la Signorina Fernanda Sacco, che della **riabilitazione della memoria dello Zio Ferdinando** ne aveva fatta una ragione di vita,”²¹

conseguiu mobilizar a sociedade de Torremaggiore para edificar “la nuova tomba”²². O monumento abrigaria “[...] i resti mortali dei due martiri.”²³ (CARLUCCI, s.d., p. 5). Até que,

Verso la fine del 1997 il Sindaco Marolla fece sua l’iniziativa intrapresa agli inizi dell’anno da **Rifondazione Comunista** [...] comunicò [...] che il Monumento a Sacco e Vanzetti, comprensivo anche del loculo funerario, sarebbe stato eretto a pochi metri di distanza dell’ingresso monumentale del Cimitero e che il 70º anniversario della loro morte sarebbe stato **inquadrate in un Convegno internazionale sulla abolizione della pena di morte.**²⁴ (CARLUCCI, s.d., p. 5, grifos nossos).

A memória de Ferdinando Sacco abrangia uma série de eventos curiosos. O nome de Sacco era Ferdinando, porém, quando ocorreu a Primeira Grande Guerra, ele fugiu dos EUA para o México, escapando do serviço militar. Porém, quando retornou, preferiu utilizar o nome Nicola, ou seja, falso, evitando, assim, uma possível retaliação ou prisão por não cumprir com alguma exigência militar (*Corriere del Mezzogiorno*, p. 305 in CARLUCCI, p. 113).

Quem mencionou sobre esta curiosidade foi a própria Fernanda Sacco. Mas, para não se distanciar do tema proposto neste artigo, pontuou-se alguns elementos do monumento.



Figura 2: Detalhes do Monumento a Sacco e Vanzetti. Em Torremaggiore, Itália.
Fonte: <http://www.ifontanaritorremaggiore.si.com/il-monumento-a-sacco-e-vanzetti-a-torremaggiore.html>, 1977.

Acima, encontram-se os detalhes da obra, que consiste em passagens da vida de Sacco. No caso, na parte superior esquerda da imagem, observa-se o castelo de Torremaggiore, representando o nascimento até a emigração. A estátua da liberdade encontra-se na parte inferior esquerda da fotografia, a fim de mostrar a chegada aos EUA. O monumento, ainda na visão dos construtores, serve “[...] per ricordare Ferdinando Sacco,”²⁵ (CARLUCCI, p. 3) destacando que “[...] rappresenta per tutti coloro che hanno vissuto la drammatica storia dei due italiani, Sacco e Vanzetti, e[...]”²⁶ para todas as gerações que não foram contemporâneas deles. As jovens gerações deveriam compreender a importância da luta contra a pena de morte, sendo então a liberdade dotada do sentido de defesa da vida, dos direitos individuais e para que “[...] l’uomo possa vivere la propria esistenza con dignità.”²⁷ Conforme Carlucci (p. 5):

La particolarità della pianta simboleggia una parte del mondo che partecipò al dramma dei due martiri. Sulla sua superficie verrà scolpito parte del Castello di Torremaggiore e del borgo rappresentante il Codacchio, luogo di origine di Sacco, e, all’estremo opposto, il luogo dell’approdo, parte del paesaggio americano caratterizzato da grattacieli.

Il blocco poggia su una fascia basamentale in granito di colore nero e nella parte alta un piano inclinato, anch’esso in granito nero, simbolo di lutto. Il piano inclinato in ascesa, rappresenta le forze e i vari movimenti che hanno operato, non senza difficoltà, per il riconoscimento della innocenza dei due italiani.

Nella parte alta verranno incise le generalità e nella parte basamentale la data e il luogo del decesso²⁸.

Ainda, havia o detalhe referente a Nova York, com a representação do porto daquela cidade. O “grand finale” seria a citação de Matteo Marolla, prefeito em 1997, que declamou, em seu discurso de inauguração do monumento: “La memoria per un futuro senza ingiustizia.”²⁹. A liberdade anunciada no documento não deve ser percebida como aquela defendida pelos dois anarquistas. A liberdade tem o seu fundamento mais ligado à ideia de poder viver, ou, melhor, contrário à pena de morte. Esta hipótese é levantada com base nas declarações de Dukakis (*apud* CARLUCCI, p. 11) que, em linhas gerais, inspirou a reflexão sobre os seguintes pontos: 1) existe a crença de que eles foram condenados por serem ligados à “doutrina do anarquismo”; 2) que a “atmosfera do processo deles” teve o “prejuízo contra estrangeiros” que havia na década de 1920; 3) que a Justiça estadunidense mostrou-se “dúbia” na sua “vontade e habilidade de conduzir a acusação e o processo de Sacco e Vanzetti com justiça e imparcialidade”.

Para selar a condição histórica e jurídica do caso, o então governador mandou registrar:

Quindi, e per tali ragioni, io Michael S. Dukakis, Governatore dello Stato del Massachussets, in virtù e della autorità di supremo Magistrato in me conferita dalla Costituzione dello Stato del Massachussets, e di tutte le altre autorità a me attribuite, proclamo martedì, 23 agosto 1977 "Giorno commemorativo di Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti" ,e dichiaro inoltre, che ogni stigma ed onta venga per sempre cancellata dai nomi di Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, dai nomi delle loro famiglie e discendenti e quindi, dal nome dello Stato del Massachussets; ed io, dedotto il popolo del Massachussets a sostare nei suoi impegni quotidiani ed a riflettere su questi tragici eventi e da essi trarre il coraggio di impedire alle forze della intolleranza, della paura e dell'odio e di unirsi ancora per sopraffare la razionalità, la saggezza e l'imparzialità a cui il nostro sistema legale aspira. Dio protegga lo Stato del Massachussets!. Firmato : S.E., il Governatore Michael S. Dukakis il Segretario di Stato,Paul Guzzi.³⁰ (DUKAKIS *apud* CARLUCCI, p. 11).

Constata-se que o monumento delimita uma leitura do passado, cristalizando-a na memória. Ressignificando símbolos e valores, ele atua como uma ferramenta política. Deste modo, entende-se que a intencionalidade da construção deste monumento estudado segue esta lógica. Enquanto como projeto de futuro, a sua edificação alerta às gerações futuras sobre a importância de lutar contra a pena de morte, no intuito de defender a liberdade e a vida. Mas, antes de tudo, representa o cancelamento da pena a Sacco e Vanzetti, limpando o nome de suas famílias, diante dos crimes a que foram julgados e condenados. Abaixo, a fotografia do dia da inauguração do monumento em Torremaggiore, com a presença de Matteo Marolla, Fernanda Sacco e Severino Carlucci.



Figura 3: Inauguração do Monumento Sacco e Vanzetti em 14 de novembro de 1998. Na foto: Matteo Marolla, Fernanda Sacco e Severino Carlucci.

Fonte: <http://www.ifontanaritorremaggiore.com/il-monumento-a-sacco-e-vanzetti-a-torremaggiore.html>, 1977

A construção deste monumento foi muito simbólica. Entre todos os motivos já discutidos, e que, com certeza criaram várias outras oportunidades de problemáticas, passa-se então para as considerações finais.

Como ficou evidenciado, e a foto (Figura 3) pontua isso, a memória familiar também estava em jogo. O nome da família deveria receber a correção histórica. Além disso, Fernanda Sacco contou com a ajuda de grupos envolvidos, movimentos sociais que se preocupavam em combater a pena de morte, por exemplo. O poder estatal estava representando e os seus discursos foram pontuais. Acredita-se que eles acabaram sendo forças legitimadoras daquela “correção”.

A imagem retratou mais que uma vitória familiar. Representou, em partes, o reconhecimento de um erro baseado no preconceito ideológico e étnico. Por outro lado, a figuração de ambos como mártires movimentou vários grupos políticos. De qualquer forma, Sacco e Vanzetti deixaram o seu legado pela experiência que a condenação lhes trouxe e não pelo reconhecimento de suas ações ou produções intelectuais. Desta maneira, o monumento também orientou para esta conclusão, pois, apesar de imprimir alguns momentos de suas vidas, foi frisado o papel de mártires que tiveram.

Destarte, o monumento não foi construído nem *por* e nem *para* anarquistas. Dito isso, cabe salientar que o envolvimento de políticos partidários e governantes apontou esta consideração. E, com base nas convicções libertárias, acreditar-se-ia que para algo ser anarquista, deveria ser, desde o princípio, algo formado por eles próprios ou, no máximo da aceitação, com referências e intenções mais diretas e teóricas com esta ideologia. Então, frisa-se que, nos monumentos, foi apresentada a percepção de que eles eram mártires. Este foi o conteúdo central dos monumentos.

Por fim, foram percebidos como mártires por terem vivido inúmeros sofrimentos por, pelo menos, sete anos de detenção. Morreram vítimas de suas posições ideológicas, pela causa que defendiam e pelo preconceito de classe e étnico. Foram trabalhadores esperando um futuro melhor, seja financeiramente, seja socialmente.

Considerações finais

Cabe salientar que este artigo é apenas um estudo inicial sobre o tema. É necessário compreender melhor o fenômeno Sacco e Vanzetti, assim como a construção de espaços de memória para dois anarquistas. Os conteúdos, as formas e os lugares que foram ocupados são indicativos primordiais. Problematizar estes pontos ajuda a entender a pequena parte do todo. Ressalta-se, ainda, que não foram mapeados outros espaços dedicados a Sacco e Vanzetti. Para isso seria necessário outra produção.

Essas considerações finais seguiram algumas orientações: 1) os monumentos não possuíam características anarquistas; 2) os monumentos estudados possuíam conteúdos distintos entre eles; 3) as mensagens davam ênfase na palavra liberdade; 4) houve controvérsias na edificação de Boston; 5) existiu clamor político e familiar em Torremaggiore.

A primeira pontuação é básica, mas necessária. A participação estatal já apontou que os monumentos não foram feitos por anarquistas. A questão poderia ser: Eles foram edificados para os anarquistas? Também não! Na verdade, ambos marcam uma tragédia, um erro judiciário. Não foram exploradas as motivações: xenofobia ou classe. Eles, neste sentido, foram espaços de memória que relatam um acontecimento, no caso de Torremaggiore, um processo histórico.

Os conteúdos basearam-se na categoria liberdade. A concepção utilizada estava relacionada ao poder viver, em outras palavras, contra a pena de morte, especialmente aquele de Torremaggiore. Em Boston houve a menção das “forças da liberdade”, que deveriam cuidar e alertar quando a liberdade estivesse em perigo.

A maior diferença estava na declaração de inocência presente no monumento italiano e inexistente no estadunidense. Em Torremaggiore, o monumento possuía marcos da vida de Sacco: o nascimento, o desembarque em Nova York. Em Boston apenas uma frase ao lado dos rostos daqueles anarquistas.

A presença de Fernanda Sacco foi pontual. Aquela que fez da luta pelo reconhecimento da injustiça contra o tio a sua causa de vida, conquistou, décadas mais tarde, um espaço de memória para que todas as pessoas pudessem refletir sobre a liberdade. A luta contra a pena de morte pode ser entendida como uma pauta progressista. Diz-se isso pensando que o liberalismo defende as liberdades individuais.

Por último, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, no Brasil, foram “esquecidos” pela esquerda. Poucas são as referências a eles. (Re)apresentá-los não é fácil, envolve várias possibilidades. Desde a trajetória de vida à construção da imagem de mártires. Os casos e descasos judiciários. As manifestações em várias partes do mundo. Os discursos jornalísticos. O apelo à memória de duas referências do século XX. Cabe aos pesquisadores, assim como nós, historiador e historiadora, investigarem um pouco este fenômeno.

Recebido em: 07/02/2017

Aprovado em: 04/04/2017

NOTAS

¹ Todas as traduções realizadas neste artigo foram de iniciativa livre. “As ativações ou representações patrimoniais são: 1) sistemas de símbolos; 2) que atuam para suscitar entre os membros de uma comunidade (local, regional, nacional...) motivações e disposições poderosas, profundas e perduráveis; 3) formulando concepções de ordem geral sobre a identidade dessa comunidade; 4) e dando a estas concepções uma aparência de realidade tal; 5) que suas motivações e disposições pareçam emanar da mais restrita realidade.”

² Palma e Truzzi (2014, p. 75) defenderam que “*fazer a América!*” foi uma expressão reproduzida por muitos dos migrantes que foram para o continente americano.

³ Flavia Tudini (2013) apontou com clareza que eles eram conhecidos pelas autoridades policiais por causa de suas posturas políticas. A autora argumentou que a publicização do caso Sacco e Vanzetti foi uma estratégia da defesa para acumular forças junto à opinião pública, em outras palavras, por meio da pressão popular, a defesa desejava levar o caso para a Corte Suprema dos Estados Unidos da América e, nesta instância, comprovar a inocência ou conquistar uma pena mais amena. A defesa tornaria pública que a Justiça daquele país os condenava por causa da etnia e da orientação política, negligenciando a culpabilidade no crime na hora de conceber o parecer do julgamento.

⁴ Avrich (1996) pontuou que os imigrantes radicais sofreram com a intolerância e o controle. Os italianos que se engajaram no movimento operário e/ou anarquista tendia a ser vigiado pelas autoridades. Além do mais, a xenofobia potencializava o prejuízo contra os italianos.

⁵ No dia 4 de maio de 1920, Salsedo foi encontrado morto após ter sido detido e torturado no Departamento de Justiça de Nova York. Salsedo e Elia eram editores do jornal *Il Doman*, um periódico anarquista.

⁶ No original, o texto é destinado ao seu filho Dante Sacco, por isso a referência na segunda pessoa do singular “tu”.

⁷ “A escultura ainda está em exibição pública agora, embora mal. Tão intrigante quanto obscura, tem um pedigree complicado: criado pelo mesmo homem que projetou o Monte Rushmore, foi oferecido repetidamente à cidade para a instalação pública - e rejeitado igualmente por políticos com medo de acoplar a política crua da história do Sacco-Vanzetti.”

⁸ “O que eu quero mais do que tudo nesta última hora de agonia é que o nosso caso e nosso destino possam ser entendidos em sua real existência e servir como uma tremenda lição para as **forças da liberdade** para que o nosso sofrimento e morte não tenham sido em vão.” (Grifo nosso).

⁹ Pensando em ideais que foram omitidos em monumentos e considerando que a memória é cristalizada em edificações, observa-se que “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2006, p. 75-6).

¹⁰ “Então, no 50º aniversário em 1977, o governador Dukakis emitiu uma proclamação de que os dois não haviam recebido um julgamento justo e de que “todo o estigma e desgraça deve ser removido para sempre de seus nomes”. No 70º aniversário da execução, em 1997, o prefeito Menino de Boston e o governador em exercício Cellucci de Massachusetts se encontraram na biblioteca pública de Boston e, repetindo a afirmação de que Sacco e Vanzetti não haviam recebido um julgamento justo em razão do preconceito contra eles, formalmente “aceitaram” o baixo-relevo de Borglum anunciando a intenção da cidade para lançar a obra em bronze e colocá-la ao ar livre, em um lugar mais público, até o ano 2000. Até a data desta redação, o baixo-relevo permanece em ambiente interno”.

¹¹ Para informações mais detalhadas, consultar: <<http://saccoandvanzetti.org/>>.

¹² “A Sociedade de Comemoração Sacco e Vanzetti existe com o intuito de preservar a memória da luta de Sacco e Vanzetti para mudar radicalmente a sociedade. Queremos educar nossos vizinhos sobre a história radical de Massachusetts e traçar conexões entre as lutas de Sacco e Vanzetti e as lutas semelhantes de hoje. Manifestamo-nos contra a pena de morte e a perseguição política, bem como a perseguição e o bode expiatório dos imigrantes”.

¹³ Uma curiosidade pertinente a ser frisada é que a *Amnesty International Italia* lançou uma campanha denominada *#herestoyou, un'unica voce contro tutte le ingiustizie* (uma única voz contra todas as injustiças), que tratou os direitos humanos em várias partes do mundo, apresentando ativistas que cantaram Joe Baz chamada *Here's to you*. A ideia foi (re)apresentar este “hino” de defesa dos direitos humanos promovendo a ação contra as injustiças sociais. Link: <<https://www.amnesty.it/heres-to-you-89-anni-dopo-linno-dei-diritti-umani-per-tutti-i-sacco-e-vanzetti-di-oggi/>>.

¹⁴ É possível conhecer e estabelecer contatos com o grupo por meio das redes sociais, em especial o *Facebook*. Link: <<https://www.facebook.com/Associazionesaccoevanzetti/?fref=ts>>.

¹⁵ “Que todas as instituições humanas são imperfeitas, que a possibilidade de injustiça é sempre presente, e que o reconhecimento do erro com a resolução de corrigi-lo”.

¹⁶ “Que o processo e execução de Sacco e Vanzetti deve fazer recordar as populações civis da constante necessidade de munir-se contra a nossa suscetibilidade ao prejuízo, da nossa intolerância por ideias heterodoxas e do nosso insucesso na defesa dos direitos da pessoa considerada estrangeira em meio a nós”.

¹⁷ “A construção de um monumento funerário para recordar Ferdinando Sacco, depois de setenta anos da sua morte, ocorrida por eletrocussão na prisão de Charlestown no Estado de Massachusetts - EUA - em 23 de agosto de 1927, representa para todas as pessoas que viram a dramática história dos dois italianos, Sacco e Vanzetti, e para as jovens gerações, um aviso para defender os valores da liberdade quando essa está em perigo”.

¹⁸ A ideia inicial era traçar um paralelo entre os projetos dos dois monumentos, porém, até o momento, sobre aquele construído em Boston nada foi encontrado além de notícias de jornais e sítios virtuais de grupos ativistas.

¹⁹ “A iniciativa de edificar em Torremaggiore um monumento a Ferdinando (Nicolá) Sacco e Bartolomeo Vanzetti partiu do Círculo de Refundação local e, para tal propósito, constituiu-se um comitê promotor estendido aos administradores públicos e aos representantes de todos os partidos políticos locais”.

²⁰ “era início de 1997, **70º aniversário da morte** dos dois anarquistas italianos, e o ‘caso Sacco e Vanzetti foi definido tal como o de Silvia Baraldini, o qual, alguns dias depois, o Comune de Torremaggiore concedeu-lhe a ‘**Cidadania honorária**’”. (Grifos nossos).

²¹ “A senhorita Fernanda Sacco, que **da reabilitação da memória do tio Ferdinando**, fez dela uma razão de vida”. (Grifos nossos).

²² “a nova tumba”.

²³ “os restos mortais dos dois mártires”.

²⁴ “no fim de 1997, o prefeito Marolla cumpriu sua iniciativa tomada no início do ano da **Refundação Comunista** [...] comunicou [...] que o Monumento a Sacco e Vanzetti, que inclui também o lóculo funerário, será edificado a poucos metros de distância da entrada monumental do Cemitério e que o 70º aniversário da morte deles será **inscrito em um Convênio internacional sobre abolição da pena de morte**”. (Grifos nossos).

²⁵ “para recordar Ferdinando Sacco”.

²⁶ “representa para todas as pessoas que viram a dramática história dos dois italianos, Sacco e Vanzetti”.

²⁷ “o homem possa viver a própria existência com dignidade”.

²⁸ “O detalhe da planta simboliza uma parte do mundo que participou do drama dos dois mártires. Em sua superfície foi esculpida parte do Castelo de Torremaggiore e do burgo representando o Codacchio, lugar de origem de Sacco, e, ao extremo oposto, o lugar de desembarque, parte da paisagem americana caracterizada pelos arranha-céus. O bloco repousa em uma faixa basamental em granito de cor preta e na parte alta um plano inclinado, também em granito preto, símbolo de luto. O plano inclinado crescente representa as forças e os vários momentos que se empenharam, não sem dificuldade, para o reconhecimento da inocência dos dois italianos. Na parte alta foram gravadas as generalidades e na parte da base encontram-se a data e o local da morte”.

²⁹ “A memória para um futuro sem injustiça”.

³⁰ “Em seguida, e por tais razões, eu Michael S. Dukakis, Governador do Estado de Massachusetts, em virtude da autoridade do Supremo Magistrado a mim atribuída pela Constituição do Estado de Massachusetts, e de todas as demais autoridades que me atribuíram, proclamo quarta, 23 de agosto de 1977, “Dia comemorativo de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti”, e declaro também que cada estigma e cada vergonha sejam para sempre canceladas dos nomes de Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, dos nomes das famílias deles e descendentes e, em seguida, do nome do Estado de Massachusetts: e eu, convoco a população de Massachusetts a parar nos seus empenhos cotidianos e a refletir sobre este evento trágico e deste trazer a coragem de impedir as forças da intolerância, do medo e do ódio e de unir-se agora para dominar a racionalidade, a sabedoria e imparcialidade ao qual nosso sistema legal aspira. Deus proteja o Estado de Massachusetts. O Governador Michael E. Dukakis”.

REFERÊNCIAS

- AVRICH, Paul. *Sacco and Vanzetti: The Anarchist Background*. Princeton: Princeton University Press, 1996. <https://books.google.com.br/books?id=lm0SCspDOjQC&pg=PA45&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 2 fev. 2016.
- CARLUCCI, Severino. *Il monumento a Sacco e Vanzetti a Torremaggiore*. S.D. Disponível em: <http://www.ifontanaritorremaggiore.si.com/files/il_monumento_a_sacco_e_vanzetti_1-10.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2016.
- CHOAY Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- DURKAKIS, Michael S. Stato del Massachussets. In: **Sacchevvnzett**. S/D.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- KREITNER, Richard. Menino, the mayor who welcomed Sacco and Vanzetti. In: *The Boston Globe*. 2014. Disponível em: <<https://www.bostonglobe.com/ideas/2014/11/23/menino-mayor-who-welcomed-sacco-and-vanzetti/0vdxh5w4NvAXDbDaRvhMDI/story.html>>. Acesso em: 2 fev. 2016.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- PALMA, Rogério de. TRUZZI, Oswaldo. Italianos em São Carlos (SP): Começo ou fim de uma história? In: ELMIR, Claudio Pereira; WITT, Marcos Antônio (Orgs). *Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014, p. 75-114.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- PRATS, Llorenç. *Antropologia y patrimonio*. Barcelona: Ariel, 2004.
- NAYLOR, Adrienne Marie. *Memorializing Sacco and Vanzetti in Boston*. Professor Green Public History, 2008.
- _____. Memorializing Sacco and Vanzetti in Boston. In: *Inquiries Journal: Social Sciences, Arts & Humanities*, 2010. Disponível em: <<http://www.inquiriesjournal.com/articles/117/memorializing-sacco-and-vanzetti-in-boston>>. Acesso em: 2 fev. 2016.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História e Departamento de História da PUC-SP. 1992. P. 9-28.
- SACCO, Fernanda. La nipote di Sacco e la memoria familiare. In: *Corriere del Mezzogiorno*, s. d, p. 305. CARLUCCI, Severino. *Il monumento a Sacco e Vanzetti a Torremaggiore*. s.d. Torremaggiore, p. 113.

SACCO, Nicola. *Sacco y Vanzetti: sus vidas, sus alegatos, sus cartas*. 1. ed. Ciudad de Buenos Aires: Terramar, 2011.

TUDINI, Flavia. Sacco e Vanzetti: caso giudiziario o *affaire*?. *Diacronie. Studi di Storia Contemporanea*, n. 14, v. 2. 2013. Disponível em: <http://www.studistorici.com/2013/08/29/tudini_numero_14/>. Acesso em: 2 fev. 2016.

VANZETTI, Bartolomeo. *Sacco y Vanzetti: sus vidas, sus alegatos, sus cartas*. 1. ed. Ciudad de Buenos Aires: Terramar, 2011.

WITT, Marcos Antônio; ELMIR, Cláudio Pereira. Quem (não) tem medo de fracassos? Notas para uma proposta de investigação no campo dos estudos migratórios. In: *Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 7-14.